

KELLY CRISTINA P. SANTOS



**Personagens negros em Monteiro Lobato: rótulos e  
preconceitos**

200334200

CAMPINAS – S.P.  
2002

**KELLY CRISTINA P. SANTOS**

**Personagens negros em Monteiro Lobato: rótulos e  
preconceitos**

Trabalho de Conclusão de  
Curso apresentado como  
exigência parcial para o curso  
de Pedagogia UNICAMP,  
realizado sob a orientação da  
Profª Drª Ângela Fátima  
Soligo.

**CAMPINAS – S.P.  
2002**



**Orientadora**  
**Prof. Dra. Ângela Fátima Soligo**  
**FE/UNICAMP**

**Segundo Leitor**  
**Prof. Dra. Roseli A. C. Fontana**  
**FE/UNICAMP**

*Kelly Cristina P. Santos*  

---

**Kelly Cristina P. Santos**

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildeir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Sa59p

Santos, Kelly Cristina Pessanha.

Personagens negros em Monteiro Lobato : rótulos e preconceitos /  
Kelly Cristina Pessanha Santos. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador : Ângela Fátima Soligo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Preconceito. 2. Estereotipo (Psicologia). 3. Negros. 4. Literatura  
infantil. 5. Televisão. I. Soligo, Ângela de Fátima. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

02-225-BFE

**Aos meus queridos pais,  
Manoel e Aparecida Bernadete**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida...

À minha mãe pelo incentivo e amor.

Ao querido Clailson Geromin, pelo imenso amor e paciência que teve comigo, com meu “mau-humor” e ansiedade durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço de modo especial minha orientadora, Ângela Fátima Soligo, por me acompanhar nesta caminhada, pelas discussões e idéias compartilhadas.

## Sumário

Resumo.....	1
Apresentação.....	2
<b>1- Racismo e Preconceito.....</b>	<b>4</b>
1.1 História dos negros no Brasil.....	4
1.2 Situações do negro no Brasil atualmente.....	6
1.3 Conceituação do racismo.....	8
1.4 O negro no contexto educacional.....	11
<b>2 - Representações e atitudes sobre o negro.....</b>	<b>16</b>
2.1 No livro didático.....	16
2.2 Na literatura.....	19
2.3 Na televisão.....	24
<b>3 - Objetivos.....</b>	<b>28</b>
3.1 Objetivos gerais.....	28
3.2 Objetivos específicos.....	28
<b>4 - Método.....</b>	<b>29</b>
4.1 Amostra.....	29
4.2 Material.....	29
4.3 Procedimentos.....	29
<b>5 - Análise e discussão.....</b>	<b>31</b>
5.1 “O Saci”.....	31
5.2 “Sítio do Picapau Amarelo” – Seriado da TV.....	37
Conclusões.....	42
Referências Bibliográficas.....	44
Anexo.....	46

*“O preconceito, assim como os diversos conteúdos da percepção, é uma construção socialmente mediada, de uma pessoa em relação à outra, determinado por algumas características da pessoa discriminada, porém, principalmente, pelas crenças da pessoa que discrimina.”*

(FERREIRA, 2000)

## Resumo

Vivemos numa sociedade com diversidade étnica. Dizer que a democracia racial brasileira existe e que negros e brancos possuem as mesmas oportunidades, é camuflar a verdadeira condição de vida dos negros.

Nos livros didáticos, nos livros de literatura infanto-juvenil e até na televisão, a imagem veiculada dos negros está cheia de estereótipos e preconceitos.

Desta forma, a pesquisa possui como foco de análise textos e imagens do livro de literatura infantil de Monteiro Lobato ("O Saci") e alguns capítulos do seriado Sítio do Picapau Amarelo da televisão, objetivando entender a imagem do negro, suas relações e características psicosociais veiculadas nestes instrumentos de comunicação.

Diante dos dados obtidos, observamos que há discriminações e estereótipos em relação aos negros, e que por vezes, são legitimados por esses materiais de apoio que os professores utilizam em suas aulas. A pesquisa buscou, então, articular estes dados com o referencial teórico que trabalha com a história dos negros, o acesso a educação, a discriminação, o racismo, os estereótipos e como isso é produzido e reproduzido na/pela sociedade.

## Apresentação

Este trabalho visa discutir as relações entre racismo e preconceito no Brasil e como isso vem sendo apresentado nos livros de literatura infantil e na televisão. O trabalho foi orientado pela professora Dr. Ângela Fátima Soligo, que faz parte do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação – Unicamp.

A pesquisa teve como base teórica autores que buscam discutir a história dos negros, o acesso à educação, a discriminação, os estereótipos e compreender, portanto, como esses fatores influenciam na construção da identidade do negro.

Neste estudo, procuramos analisar textos e imagens do livro de literatura infantil de Monteiro Lobato e alguns capítulos do seriado Sítio do Picapau Amarelo, com o objetivo de entender a imagem do negro e suas relações.

Observando a sociedade, percebemos que a chamada democracia racial não passa de um discurso que é cultivado pelos brancos. Ao olharmos a nossa volta, vemos a maioria da população de origem africana em condições subalternas de vida, o que nos leva a crer que, mesmo após a abolição da escravidão, a industrialização e a modernização, o fator racial (ou a cor) continuou perpetuando como critério de seleção e segregação.

Acreditando que a educação seja um dos meios que ajudam na perpetuação desse preconceito e discriminação, esta pesquisa discute como os textos, ilustrações e imagens, que são muito utilizadas pelos professores em sala de aula, influenciam na construção da identidade dos alunos e reforçam os estereótipos, legitimando a chamada democracia racial.

Para abordar esses aspectos, o presente trabalho é composto por cinco capítulos. O primeiro capítulo – *Racismo e Preconceito* – apresenta um histórico da condição do negro desde sua entrada no Brasil até os dias atuais, discutindo o racismo e as relações ocorridas na escola, ou seja, a legitimação de estereótipos e preconceitos e a forma como isso reflete na sociedade.

No segundo capítulo – *Representações e atitudes sobre o negro* – abordo como a imagem do negro é veiculada no livro didático, na literatura e na televisão.

O capítulo três – *Objetivos* – explicita qual o objetivo geral e específico da pesquisa.

No capítulo quatro – *Método* – esclareço a amostra, os materiais utilizados para a realização da pesquisa e os procedimentos.

O quinto capítulo – *Análise e discussão* – busca articular os dados obtidos, através das análises da obra e do seriado, com as teorias sobre racismo, preconceitos e estereótipos.

# 1- RACISMO E PRECONCEITO

## 1.1 HISTÓRIA DOS NEGROS NO BRASIL

Nós seres humanos nos preocupamos em nomear e classificar objetos, animais, pessoas. Vivemos muitas vezes em função destas denominações.

Esta preocupação classificatória começou, segundo Leite, quando os seres humanos tomaram consciência da diversidade, pela construção da imagem do mesmo enquanto "outro" (Leite, 1988).

Nos estudos realizados até hoje encontramos várias denominações para se referir à população de origem africana no Brasil. Assim que os africanos foram convertidos em escravos, passaram a ser denominados negros. Nota-se então que apenas um atributo – a cor da pele – serviu para classificá-los como negros. No Brasil, a palavra negro tornou-se primeiramente sinônimo de escravo (Leite, 1988).

A escravidão foi introduzida no Brasil no início do séc. XVI e prolongou-se por três séculos e meio. Durante este período, milhares de africanos foram trazidos ao Brasil à força para trabalharem em lavouras. Os negros não emigraram porque quiseram, mas foram obrigados a emigrar depois de caçados e vendidos (Beozzo, 1984).

Na África eram homens livres e no Brasil foram transformados em escravos, ou seja, suas famílias, deuses, costumes, terras, eram desconsiderados, interessando apenas sua força de trabalho. No trabalho escravo, tinham todos os deveres, mas nenhum direito. Os descendentes africanos perderam então sua origem, suas esperanças e, coisificados, transformaram-se apenas numa cor.

Moura (1988) afirma : *"..., a situação do negro era praticamente a de um animal. Não havia diferença entre o tratamento que se dava a uma besta e o que se dispensava a um negro escravo"* (p.96). Segundo o autor, isso era aceito como normal e cristão, contanto que os escravos fossem batizados pelos seus senhores.

Beozzo (1984) analisa que o regime escravo corrompeu, além da população negra, os senhores de escravos, fazendo deles uma humanidade prepotente e autoritária, que não reconhece os direitos dos pobres e a igualdade entre todos.

Ao longo dos séculos, foi se construindo uma imagem negativa dos negros, associando-os à barbárie, sensualidade, antropofagia e a escravidão. Por isso, o sentimento de inferioridade, de vergonha e a vontade de ser igual ao branco foram e são construídos pelo preconceito (Bernd, 1984).

Trazidos para o Brasil e distribuídos de forma que num mesmo ambiente de trabalho encontravam-se negros com culturas, línguas e tradições diferentes, acabaram por adotar a língua do branco. Esse processo de aculturação do negro ao novo meio acarretou a perda progressiva de identidade. Eles perderam suas raízes culturais, sua consciência e foram humilhados, permanecendo na condição de escravos até o século XIX.

Assim que o decreto da abolição da escravatura foi assinado no Brasil em 1888, os negros deixaram de ser escravos e passamos a viver numa democracia racial?! A maioria dos livros didáticos ainda dizem que sim; que os três séculos e meio de escravidão foram um fato passageiro e que não deixou marcas e vestígios na sociedade e nos seres humanos (Bernd, 1984).

Infelizmente, estudos bem elaborados e a própria realidade social nos mostram que a alegada democracia racial não existe. Basta olharmos à nossa volta para verificar que a maioria dos negros encontra-se em situações subalternas na sociedade brasileira. A herança escravista continua permeando as nossas relações, estabelecendo distinções hierárquicas entre trabalho manual e intelectual, habilidades específicas do negro (samba, objeto sexual, alguns esportes e papéis em novelas e livros...). Os negros são discriminados de forma evidente em batidas policiais, ônibus, restaurantes, escolas, livros didáticos e paradidáticos, etc (Pinsky, 1988).

Esconder o problema é uma forma de não resolvê-lo, por isso a conscientização é uma etapa fundamental para a superação do preconceito. O preconceito se manifesta pela segregação e pela discriminação. Exigir num anúncio "funcionário branco, de boa aparência", impedir o acesso a determinados restaurantes, clubes é segregar os negros e obrigar um negro a entrar pelo "elevador de serviço", "porta dos fundos", dificultar seu acesso à educação, cargos públicos é discriminar (Pinsky, 1988).

Hasenbalg (1976), ao estudar a mobilidade social de brancos e negros, percebe que ela deriva também das oportunidades desiguais de ascensão após a Abolição. Algo que contribuiu também para isso foi a política de

imigração impregnada de “matizes racistas” que resultou numa marginalização dos negros e reforçou o padrão de distribuição regional: os negros concentraram-se em regiões menos desenvolvidas economicamente (principalmente no Nordeste), onde as oportunidades educacionais e ocupacionais eram limitadas; e os brancos nas regiões mais desenvolvidas, como o Sul e Sudeste (Rosemberg, 1998 apud Aquino, 1998).

Os negros que foram e estão nas regiões mais desenvolvidas, mesmo tendo um nível sócioeconômico mais próximo ao dos brancos, vivem em piores condições de vida. Isso nos leva a crer que o fator específico de discriminação é o racial.

A população negra está exposta a desvantagens demográficas e sócio-econômicas de qualidade de vida, como apontam Hasenbalg & Silva (1990). Todas as evidências de mortalidade infantil, expectativa de vida ao nascer, oportunidades de mobilidade social, participação no mercado de trabalho, na distribuição de renda, êxodo escolar, nos levam a concluir que os processos de industrialização e modernização da estrutura social não acabaram com os efeitos da raça ou cor como critérios para seleção e geração da desigualdades sociais e também educacionais.

É difícil pensar que ainda hoje não conseguiram se tornar, no imaginário social, um grupo, pessoas ou mesmo brasileiros! A presença do preconceito nas relações sociais é gritante e vem sendo denunciada por movimentos negros, principalmente pelas desvantagens destes em relação aos brancos. *“O certo é que, depois de 400 anos de lavagem cerebral, o brasileiro médio tem um subconsciente racista” (Moura, 1988).*

## 1.2 SITUAÇÕES DO NEGRO NO BRASIL ATUALMENTE

Segundo Ferreira (2000), o último censo feito no Brasil, constatou uma porcentagem de 44,3% de pessoas de origem africana. Como muitos, ao responderem às perguntas, negam seu perfil etno-racial, essa porcentagem não reflete de fato a realidade. É irônico portanto a discriminação de afro-descendentes como sendo minorias, quando na verdade constituem um grupo de quase ou mais da metade da população brasileira.

O Brasil foi o país que escravizou o maior número de africanos e foi o último do mundo cristão a abolir a escravidão. Apesar desses dados, ainda há livros e pessoas que cultivam uma imagem de “primeira democracia racial” do mundo, descrevendo a relação entre brancos e negros como harmoniosa e igualitária (Ferreira, 2000).

Com relação aos rendimentos das populações negras, pretos e pardos recebem, em média, menos da metade do que recebem os brancos. Isso causa impacto nos diversos planos de suas vidas: elevada taxa de mortalidade, pouca esperança/expectativa de vida, falta de saneamento, saúde e educação (Rosemberg, 1998 apud Aquino, 1998).

No âmbito educacional, os negros enfrentam maiores dificuldades de acesso e permanência na escola, freqüentam escolas de baixa qualidade, com altos índices de reprovação, atraso e evasão escolar. Tudo nos leva a crer que os negros sofrem de desvantagens no acesso à escola e ritmo em sua progressão. A taxa de analfabetismo, a porcentagem de pessoas com pouca ou sem instrução e que não freqüentaram a escola é maior entre os negros do que entre brancos. Com esses dados de defasagem educacional, o acesso dos negros às universidades é ínfimo (Rosemberg, 1998 apud Aquino, 1998).

Mesmo após a abolição, os negros continuaram sendo subordinados socialmente aos brancos. Os beneficiários desse privilégio racial atuam de forma a manter e perpetuar essa estrutura de exclusão e estratificação (Hasenbalg & Silva, 1988).

As explicações das desvantagens concentram-se em três categorias integradas: o mito da democracia racial, a ideologia do embranquecimento e a fragmentação da identidade negra. Todas elas fazem intensa referência às desigualdades e preconceito raciais (Rosemberg, apud Aquino, 1998).

O mito da democracia racial consiste na idéia de que convivem em harmonia os diferentes segmentos raciais e que os negros foram integrados à cultura brasileira, e que portanto vivemos numa igualdade racial. Pressupõe que os sucessos e desvantagens dependem de competências individuais e não de variáveis sociais, econômicas e culturais (meritocracia). A realidade brasileira nos mostra como essa igualdade é falsa, pois a raça e a cor sempre foram negadas nos documentos, estatísticas e relatos históricos nacionais e o

critério racial está intimamente relacionado as desigualdades sociais e de oportunidades (Soligo, 2001).

A ideologia do embranquecimento é representada pela crença na superioridade branca, e nos benefícios sociais e genéticos do branqueamento da população. Ou seja, ser branco é ser superior e portanto cabe aos negros buscar essa proximidade, seja através de uniões ou de padrões de conduta e atitudes dos brancos (Hasenbalg, apud Soligo, 2001).

Segundo Moura (1988), a filosofia do branqueamento não tem ética social, uma vez que considera esse "branquear" como modernizar e civilizar o Brasil.

Diante dessas duas categorias, a fragmentação da identidade negra é construída, como comenta Soligo (2001)

*"pois assumir a negritude parece conspirar com a decantada democracia racial, ao mesmo tempo em que dificulta o processo identitário, uma vez que distancia o negro do padrão branco e o coloca como desviante em relação ao modelo, em um pólo desvalorizado pela sociedade." (p. 14).*

Ao mesmo tempo que o branco é odiado, é também desejado, pois, apesar de discriminarem os negros, são valorizados socialmente.

Essa ambigüidade marca a construção da identidade negra, uma vez que vem sendo apontada nos Movimentos Negros para a tentativa de desconstruir a auto-imagem de inferioridade e ampliar a auto-estima na busca da cidadania. Como disse Ferreira (2000): *"O afro-descendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberta e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor"* (p. 41). Claro que isso não é fácil, mas deixar-se abater pelo falso conceito de que raça e condição social, econômica, educacional, política, precisam necessariamente estar juntos é aceitar e conservar a situação de miséria e discriminação que a maioria dos negros vivem hoje.

### **1.3 CONCEITUAÇÃO DO RACISMO**

Apesar do discurso de democracia racial brasileira, a realidade e os estudos feitos até hoje, nos mostram o quanto racistas e preconceituosos somos! O

racismo ou ideologia racista, pode ser conceituado como a inferioridade do segmento racial negro constituído a partir de um sistema de valores e crenças, o qual legitima a hierarquização dos seres humanos pela cor e etnia (Soligo, 2001).

Jones (1973), considera que o racismo possui três dimensões: uma individual, que supõe a crença na superioridade branca e o posicionamento negativo com relação aos negros; uma institucional, que implica numa discriminação racial das instituições sociais e em suas práticas; e uma cultural, que classifica a cultura branca como sendo realmente uma "cultura" e as outras manifestações culturais como sendo inferiores (Soligo, 2001).

Hasenbalg & Silva (1988), consideram que o racismo tem como função desenvolver o mecanismo de dominação, estratificação e privilégio racial. Pode ser definido como "*o conjunto de práticas do grupo branco dominante, dirigidas a preservação do privilégio de que usufrui por meio da exploração e controle do grupo submetido*" (p.119). É uma prática discriminatória dos brancos e estereotipação cultural.

O racismo e a dominação racial estão fundamentados no desenvolvimento capitalista, porém, uma vez que as estruturas de subordinação racial estão estabelecidas, ambos adquirem uma autonomia própria ao nível da cultura e da política.

As causas das desigualdades sociais, segundo Hasenbalg (1988), devem ser procuradas não só no passado como também no presente, já que são perpetuadas pelas estruturas desiguais de oportunidades sociais a que a sociedade está exposta.

*"O racismo, através de práticas discriminatórias dos brancos e da estereotipação cultural dos "papéis adequados" a negros e mulatos perpetua uma estrutura desigual de oportunidades sociais para brancos e não-brancos, desqualificando estes últimos da competição pelas posições na hierarquia social" (Hasenbalg, 1988, p.172).*

Ferreira (2000), afirma que a discriminação de cor é uma manifestação comportamental do preconceito racial, considerada como um julgamento de valor construída culturalmente e legitimada socialmente. O racismo é uma prática discriminatória, que desvaloriza a identidade do negro e os fragiliza,

negando-os o direito de igualdade. Segundo o autor, o processo de construção e manutenção do racismo está ligado a forma de apresentar e viver as culturas africanas como sendo folclóricas, primitivas e inferiores e os negros aparecerem na História apenas como escravos. *“O africano tem sido considerado até como construtor de cultura, mesmo vista como folclórica, porém dificilmente como construtor de civilização”* (p. 52-53).

A negritude é um movimento que ocorre em diferentes culturas, com diferentes condições sociais e em várias línguas, o qual busca a conscientização e revalorização dos negros, afim da recuperação da memória africana e do papel deles (negros) na sociedade. Como disse Bernd (1984), *“a recuperação da memória africana para dela orgulhar-se será sempre a dívida que teremos em relação a este movimento”* (p.26).

As tentativas dos negros de criação de órgãos, grupos e associações para ir ao encontro de uma identidade perdida nos mostra que eles tem consciência da situação e querem mudá-la.

Se por um lado a consciência da negritude permitiu aos negros recuperar dimensões perdidas, por outro, não foi capaz de reverter a situação de objeto como sujeitos da História.

*“Enquanto o negro não for capaz de converter-se em agente histórico pela distribuição do sistema que o negou durante séculos, não estará esgotado o ciclo que se instaurou com os primeiros negros quilombolas: o da busca de sua completa emancipação como ser social e como ser individual”* (Bernd, 1984. p.52).

O movimento negritude deve ser repensado, a partir do momento em que se resumiu apenas em combater os signos do poder branco, ou seja, uma resposta ao branco, não enfrentando o real problema que é a causa da construção dos estereótipos que conseqüentemente levam aos preconceitos de raça e de classe.

Alguns pensadores defendem não mais a questão da busca da identidade negra, mas da busca da “fraternidade universal”. É necessário então, segundo Bernd (1984), que os negros recuperem sua essência e produzam os meios de sua própria História.

O discurso do negro não pode ser uma resposta ao branco, mas sim uma construção e consolidação de uma identidade que se exprime através de linguagem própria de forma a desmascarar a visão estereotipada que é construída. Passar da Negritude à Negridade no sentido de consolidar uma noção de identidade negra e reconquistar a dignidade (Bernd, 1987).

#### 1.4 O NEGRO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Estudos realizados sobre a dimensão racial e seus efeitos na distribuição de oportunidades educacionais entre diferentes grupos da população apontam para duas tendências: (a) os negros obtêm níveis de escolaridade inferiores a dos brancos e (b) a aplicação do que foi adquirido na escola, no mercado de trabalho tendem a ser menores para os negros do que para os brancos (Hasenbalg & Silva, 1990).

Essas duas tendências nos mostram então que os negros são confinados na base da hierarquia social e que a trajetória educacional de negros e brancos são marcadas pelas desigualdades de oportunidades, acesso e permanência na escola. Hasenbalg & Silva (1990) afirmam que a taxa de analfabetismo dos negros é mais de duas vezes superior à dos brancos, e estes últimos tem uma probabilidade sete vezes maior de completar seus estudos universitários.

Muitas vezes, as rotinas burocráticas das escolas de ensino fundamental, podem influenciar na desvantagem das crianças negras de ingressarem na escola. Outro fator que pode influir nesta questão é a distribuição geográfica dos negros, ou seja, uma maior concentração de crianças pobres e negras residentes nas regiões mais pobres do país, por exemplo, o Nordeste.

Além do acesso a escola ser desigual, nota-se também um outro ponto de destaque que é a velocidade da promoção dentro da escola pelos alunos negros e brancos. Tudo nos faz acreditar que existem mecanismos discriminatórios dentro das escolas e do ensino como um todo. Como afirma Pinto (1992): "*Os negros estão em situação desvantajosa em relação aos brancos quanto ao nível de ocupação, emprego, renda, alfabetização e anos de estudos cursados*" (p.43).

As escolas localizadas em regiões com o Nordeste, por exemplo, apresentam uma norma de baixo desempenho e acabam produzindo o

fracasso escolar de seus alunos. Claro que a auto-imagem negativa já internalizada pelos alunos negros, o preconceito racial dos professores e o conteúdo racista dos livros didáticos exercem enorme influência nesse fracasso (Hasenbalg & Silva, 1990).

As crianças negras apresentam um índice de repetência mais elevado que as brancas e muitas vezes abandonam a escola, seja pela necessidade de trabalhar e/ou por falta de estímulos. Estas diferenças, segundo Hasenbalg & Silva (1990), na trajetória escolar resultam nas profundas desigualdades educacionais, que causam um abismo entre brancos e negros na sociedade.

Itani (1998) afirma que nossas escolas não possuem a mesma quantidade de negros e brancos em salas de aula; isso nos mostra que o processo educacional está selecionando ou colocando para fora muitos que não conseguem se defender – a começar pelos alunos de baixa renda e negros (Aquino, 1998).

Dias (1987), pertence ao Grupo Quilombo de Osasco que é voltado para a difusão e questão do negro. O Grupo faz um trabalho nas escolas estaduais de 1º e 2º graus (hoje, Ensino Fundamental e Médio) na tentativa de desmistificar o dia 13 de maio ou o Dia Nacional da Consciência Negra. Desenvolvem um trabalho durante o ano todo com alunos e professores no sentido de assumirem uma posição efetiva contra o racismo.

Os grupos específicos negros aumentam a consciência negra no processo de interação conflitiva, reelaboram novos valores e símbolos específicos e os ajudam a encontrar a igualdade que procuram dentro da sociedade branca. Mesmo sabendo que uma mudança radical vai ser impossível, esses grupos são pólos de resistência à marginalização do negro (Moura, 1988).

Almeida (1995) afirma que a educação escolar é fundamental no processo de formação da imagem que a sociedade faz de si mesma, de sua história e de sua diversidade. Portanto, o racismo presente nos livros didáticos, acaba formando uma auto-imagem negativa dos negros na sociedade. Esse livros destacam apenas que os negros foram bons para trabalhar e que deram uma “contribuição” à cultura brasileira. A introdução dos negros no trabalho escravo foi a solução para o problema que o Brasil passava de mão-de-obra, reduzindo os seres humanos negros à racionalidade econômica com uma lógica de meios e fins. Os negros eram naturalmente mão-de-obra, pois possuíam uma

inferioridade natural para as atividades intelectuais destinadas aos brancos. Embora os textos não afirmem isso, também não afirmam o contrário, deixando essa mensagem implícita ao longo de suas linhas.

Os negros aparecem na História do Brasil até a abolição, depois disso, desaparecem - a miscigenação encarrega-se de dissolvê-los na população brasileira – deixando uma “herança”. Como aponta Almeida (1995):

*“Não se fala da destruição forçada de suas culturas originais e das condições em que os negros brasileiros foram obrigados a se reorganizar culturalmente sob o peso da escravidão, mas se exalta a sua “contribuição” para o “brasileiro em geral”. Isto é, comidas (feijoada), ritmos(o samba), superstições (o candomblé baiano)” (p. 34).*

Não podemos deixar de ressaltar a preocupação e os estudos de alguns educadores e ativistas negros no sentido de detectar e denunciar os conteúdos racistas trabalhados no sistema educacional. Essas iniciativas abrem um espaço para a discussão do racismo na educação e os alvos das críticas têm sido a estrutura do currículo escolar (uma vez que exclui temas como a história da África e dos negros no Brasil) e a forma como os negros são apresentados nos livros didáticos. (Hasenbalg & Silva, 1990).

A escola não está propiciando um ambiente capaz de fazer com que os alunos negros desenvolvam plenamente suas potencialidades e principalmente aceitem-se como negros. Muita coisa pode ser feita, desde que os responsáveis reflitam sobre as pesquisas feitas a esse respeito e construam estratégias para minimizar o preconceito. Como disse Pinto(1995): *“Deixar-se envolver pelas dificuldades e cair no imobilismo certamente não é a melhor atitude para quem tem a tarefa de formar as novas gerações” (p.23).*

Segundo Rosemberg (1977), as mensagens educacionais são distribuídas de maneira desigual para os diferentes grupos que compõe a hierarquia social e os sujeitos históricos que integram esses grupos, respondem às mensagens da escola através de expressões culturais próprias, podendo até contribuir para a manutenção das desigualdades.

A autora afirma que a educação inicial das crianças negras brasileiras, muitas vezes, é frustrada (pela falta de acesso), acidentada (porque é interrompida, retomada, abandonada) e sofrida (por ser de pior qualidade).

Essas crianças tem uma trajetória educacional dualista, com experiências frustrantes e de segunda mão, pois as escolas que freqüentam são construídas em espaços improvisados, com profissionais despreparados (para justificar os baixos salários), material pedagógico escasso e salas lotadas.

Segundo Rosemberg (1998), o processo de discriminação educacional acontece então de duas formas: práticas preconceituosas dentro da escola e segregação espacial de populações negras nos espaços geográficos. A autora verificou que o currículo, os livros didáticos, as relações aluno-aluno e professor-aluno são fatores de discriminação que ocorre dentro da escola. E a segregação espacial ocorre da seguinte forma: as escolas particulares normalmente estão situadas nas regiões mais centrais e desenvolvidas, e como a maioria dos negros moram nas zonas de periferia, o acesso a essas escolas fica inviável. As escolas públicas, de periferia são de baixa qualidade e freqüentadas em sua maioria por negros. A autora concluiu então que: *...”de um modo geral, a escola que o alunado negro freqüenta nem sempre é a mesma freqüentada pelo branco” (p. 81).*

Analisando as escolas que recebem os alunos mais pobres, Lia Rosenberg (1981), observou que elas apresentam uma jornada mais curta, com número de alunos maior, com rotatividade de professores freqüente, professores que não acreditam no potencial dos seus alunos, enfim, com a possibilidade de sucesso quase nula (Rosemberg, 1998).

Rosemberg (1998), afirma que a trajetória do negro e do branco nas escolas seguem caminhos opostos. Os alunos negros sempre evidenciam atraso escolar mais significativo do que os brancos, mesmo aqueles que possuem o mesmo nível de renda familiar e oportunidades no mercado de trabalho (Aquino, 1998)

O currículo evidencia o forte preconceito racial através dos livros didáticos adotados pelas escolas, que veiculam a imagem dos negros de forma desqualificada e omissiva. Os alunos negros são vistos de forma negativa com relação às suas possibilidades intelectuais. São excluídos, ganham apelidos pejorativos e os professores ignoram esses fatos. Esse ambiente desqualifica a identidade racial, a auto-imagem e influencia no baixo rendimento escolar (Rosemberg, 1998 apud Aquino, 1998).

É possível que diante de tanta discriminação, negros com melhores níveis sócioeconômicos procurem viver em bairros mais pobres, freqüentando as escolas periféricas para tentarem amenizar o preconceito que sofreriam se fossem morar num bairro nobre e seus filhos freqüentassem escolas particulares. Segundo Rosemberg (1998), não é a condição econômica que nivela a população negra, mas sim a forma como a população branca olha e classifica-a.

Para que a educação seja igual para todos é necessário uma política social que crie melhores escolas nos espaços de concentração de população pobres e negras!

## 2- REPRESENTAÇÕES E ATITUDES SOBRE O NEGRO

### 2.1 NO LIVRO DIDÁTICO

*“Nossa atitude de preconceito em relação a alguém ou a alguma coisa está apoiada num conjunto referencial de representações” (Itani, 1998, p.125 apud Aquino, 1998).* Ou seja, preconceito significa que já formamos uma opinião generalizada, uma imagem mental em relação a um assunto, pessoa ou objeto. Toda vez que agimos, temos como referência um conjunto de representações construídas pela psique e pelo convívio social. Portanto, os preconceitos raciais não são atitudes isoladas, mas construídos dentro de uma coletividade, através de gestos, atitudes, linguagens.

A autora destaca que essas representações não são estáticas; elas estão sendo construídas, reconstruídas e reelaboradas de acordo com as interações sociais.

Segundo Itani (1998), as diferenças existem e não podem ser negadas, porém precisam ser respeitadas e não ridicularizadas, como acontece com a imagem dos negros, que são vistos sempre como pobres, analfabetos, bandidos, desempregados ou empregados como pedreiro, faxineiro... (Aquino, 1998).

Com o objetivo de desvendar a função social do livro didático, através de uma leitura de mensagens e representações ideológicas por ele veiculadas, Rego (1976), analisou 18 livros de Comunicação e Expressão adotados na rede estadual de ensino.

Cinco grandes temas foram levantados: família, escola, pátria, religião e valores morais. Os negros aparecem apenas no tema pátria e são representados como escravos, preta velha contadora de histórias, ou como figuras que se destacaram na História do Brasil (por exemplo Machado de Assis). Todos são apresentados como humildes, em posições inferiores, e sempre tratados como personagens do passado histórico e não como atuantes no presente (Negrão, 1988).

Nosella (1978) analisou 166 livros didáticos também de Comunicação e Expressão adotados nas séries iniciais do 1º grau (hoje Ensino Fundamental).

Teve como objetivo desmascarar a *“ideologia, formulada e imposta pela classe dominante à classe dominada, como sendo a única e verdadeira visão de mundo”* (p.13). Esses textos favorecem a classe dominante e prejudicam a classe dominada.

A autora faz inicialmente uma análise teórica da sociedade capitalista em que vivemos, dos aparelhos do Estado, das ideologias, para depois dividir os livros em dez temas: família, escola, pátria, ambiente, trabalho, religião, virtudes, “explicações científicas”, índio e capas e ilustrações.

Os negros aparecem quando a autora discute os temas família e pátria. A negra aparece como a empregada doméstica considerada da família (para que seja aceita). Não aparece em “papéis importantes”. No tema pátria, os negros aparecem na Guerra do Paraguai, quando cento e trinta soldados morrem e isso é encarado como ato de heroísmo e patriotismo. Claro que pela maioria serem negros não tinham projeção na vida militar por isso foram abandonados para a morte.

Höfling (1981) analisou vários livros de Estudos Sociais com o objetivo de entender a concepção de cidadania veiculada para os alunos. Verificou que esses livros querem passar uma imagem de que os personagens negros eram a base da produção agrícola, sendo a escravidão, algo indispensável para o desenvolvimento da lavoura. Essa idéia faz com que os alunos achem o trabalho escravo algo natural (Negrão, 1988).

Telles (1984), analisou livros de História, com o objetivo de detectar os estereótipos e as distorções com relação a diversidade cultural. Verificou também que os textos tentam legitimar a escravidão, omitindo fatos como a captura, o sofrimento dos negros e os Quilombos, ressaltando apenas os aspectos econômicos positivos dessa prática (Negrão, 1988).

Pinto (1987), fez uma análise de conteúdo de 48 livros de leitura para a 4ª série do 1º grau (hoje Ensino Fundamental), destacando como os personagens aparecem nos textos e nas ilustrações. Os resultados desta análise não foram positivos, pois o preconceito e a discriminação racial estiveram presentes (de forma menos explícita), apesar da intenção de fazer do livro um veículo de abertura e formação de uma consciência democrática. *“..., percebe-se um descompasso entre aquilo que se proclama como objetivo e aquilo que se concretiza de fato, através da criação dos personagens”* (p. 89).

Entre as muitas análises feitas, Pinto (1987) confirma que as ilustrações contribuem para reforçar os estereótipos e algumas imagens associadas aos negros e mestiços, que são representados de forma grotesca e desempenhando funções mais humildes, enquanto os brancos exercem atividades de maior poder e prestígio. Os textos reforçam, segundo a autora, uma imagem negativa e estigmatizada dos negros e mestiços, caracterizando-os com pobres, coadjuvantes e figurantes nas histórias, apresentando um maior percentual de personagens negativos e folclóricos.

Já que o livro ainda é o material didático mais utilizado nas salas de aula, é necessário que seja produzido sem distorções, omissões e discriminações, para que se concretizem os ideais de uma educação democrática (Pinto, 1987).

Pinto (1992), também detectou a presença do preconceito, da imagem deturpada e estereotipada dos negros, nas ilustrações e textos de muitos livros didáticos, principalmente de História. Os negros acabam não aparecendo nas histórias e histórias, como se não fossem sujeitos da nossa própria História.

A escola, que se proclama democrática, mostra-se então incoerente, pois contribui (também) através do material didático que utiliza, para reforçar as discriminações raciais. O aluno negro sente-se então desvalorizado, discriminado e desmotivado para cumprir as exigências dessa escola, e acaba com uma defasagem educacional muito alta (Pinto, 1992).

Introduzir uma nova ótica nos estudos voltados para essa produção e ações efetivas no combate ao preconceito são atitudes que poderão mudar a relação produção-recepção da literatura didática e pára-didática.

Segundo Almeida (1995), os livros didáticos acabam transmitindo a idéia de que a causa da inferioridade dos negros é a própria condição étnica, naturalizando assim a posição social e econômica que vivem (habitantes de favelas, empregadas domésticas, lavradores...). "*O racismo se enreda nos textos, apesar da intenção declarada de anti-racismo*" (p. 33).

Entender a história da escravidão, enfrentar suas contradições e desdobramentos, segundo Kantor (1995), é parte da tarefa do professor, pois para acabar com a opressão na sala de aula, nas ruas, no trabalho, na mídia, é necessário a verdadeira compreensão do negro na História do Brasil. Quando se delimita o lugar do negro apenas a temas como tráfico e escravidão,

estamos reduzindo-os subliminarmente, ao invés de problematizar a sua inserção na estrutura social.

Negrão (1988) enfatiza que os professores precisam estar sensibilizados para a questão da discriminação no sentido de utilizarem o livro didático, analisando junto com seus alunos os preconceitos que ali possam existir. Para que isso seja possível, é necessário que eles tenham uma melhor formação teórica para agirem juntamente com seus alunos em direção a igualdade e a democratização do ensino.

Pinto (1995), acredita que apesar da situação precária que muitos professores trabalham, todos precisam assumir uma postura de pelo menos seleção de livros a serem utilizados na sala de aula. A maioria dos professores tem baixa expectativa em relação ao desempenho dos alunos negros, não chamam esses alunos para participarem de tarefas importantes para a auto-estima, como, apagar a lousa, ser ajudante da professora... Esse ambiente pessimista, pode levar a criança negra a ter comportamentos que desfavoreça o aproveitamento escolar.

*"Se o desenvolvimento da auto-estima é necessário para o desempenho de qualquer aluno, mais importante ele o será para o aluno negro, que terá de se deparar com uma sociedade em que o negro é comumente desvalorizado, em que existe um ideal de branqueamento, até mesmo no próprio meio negro, e em que o assumir-se como negro muitas vezes implica um doloroso processo de aceitação dessa condição" (Pinto, 1995, p.22).*

## 2.2 NA LITERATURA

É muito importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias.... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor; ser leitor é poder ter um caminho infinito de descobertas, de compreensão do mundo, de imaginação... O primeiro contato que uma criança tem com um texto é oralmente. Ler histórias para crianças é poder sorrir, brincar, imaginar e sentir, junto com elas todas as emoções, valores e medos. É a possibilidade de descobrir o mundo através de uma linguagem gostosa (Abramovich, 1995).

Se a literatura infantil tem essa função tão profunda na vida e na formação de uma criança, é necessário que seja analisada com muito cuidado, para que não atue de forma negativa na criança.

Segundo Zilberman e Magalhães (1982), a literatura infantil surgiu principalmente para cumprir funções pedagógicas. A estrutura social da Europa, no século XVIII, passava por profundas mudanças. A ascensão da burguesia, as novas demandas do trabalho, da produção e da economia exigiram a reorganização da escola e conseqüentemente uma mudança de atitudes sociais em relação a criança, que passou a ser valorizada. Com uma nova sociedade consolidada, as histórias infantis tinham o papel de moralizar e educar as crianças. A escola então associa-se a literatura infantil, com o objetivo puramente pedagógico. (apud Nogueira, 1992).

Muitos trabalhos acadêmicos, segundo Negrão (1987), preocuparam-se em denunciar os preconceitos e discriminações raciais veiculados por livros didáticos e infanto-juvenis. A autora divide esses estudos em três grupos, os quais representam etapas na evolução do pensamento sobre o assunto.

O primeiro grupo definido por Negrão, preocupou-se em verificar a ocorrência de preconceitos explícitos nesses materiais – estudos de Hollanda, 1957 e Bazzanella, 1957. O segundo grupo, caracterizado por trabalhos acadêmicos da década de 70, analisaram não somente a veiculação explícita como também implícitas nos conteúdos dos temas abordados na literatura didática – Rego, 1976 e Nosella, 1978 por exemplo.

Este segundo grupo preocupou-se em detectar como os personagens pretos e mulatos são representados.

*“Para tanto, faz-se um levantamento dos tipos mais freqüentes, denunciam-se as lacunas na apresentação dos fatos históricos, o escamoteamento na argumentação” (Negrão, 1987, p.86).*

Esses estudiosos reivindicam então a recuperação da história e do povo africano no Brasil, pois isso acarretaria no fortalecimento da identidade da população negra.

O terceiro grupo revela uma nova faceta do preconceito, que é uma investigação mais geral que abrange a caracterização do emissor e do receptor

dessa produção cultural para as crianças e adolescentes e o tipo de relação estabelecida entre os dois sujeitos neste processo de comunicação – Rosemberg, 1980, 1985, Pinto, 1981 e Tavares, 1981.

Rosemberg (1980) define esta relação como sendo entre desiguais e iguais. Desiguais, pelo fato de ser uma relação entre o adulto/emissor e a criança/receptor. Para fugir disso, a literatura tem se distanciado da Pedagogia e se afirmado na Arte como obra estética. Crio-se assim uma nova relação adulto-criança, na qual o receptor (criança) também atua, exercendo pressão para mudanças no emissor (adulto), portanto não é uma relação unidirecional (apud Negrão, 1987).

Entre iguais, porque o emissor (adulto branco) dirige-se a um público (receptor) por ele representado de crianças brancas e de classe média. Aqui então, a criança negra fica excluída do processo de comunicação, ou seja, a literatura é escrita apenas para educar as crianças brancas. Essa dualidade explica o fato de num mesmo texto, por exemplo, existirem discursos igualitários e discriminatórios (apud Negrão, 1987).

Negrão (1987) acrescenta que, se as crianças negras são excluídas do processo de criação das obras literárias, a discriminação racial está presente também na própria definição do gênero infantil.

*“Somente quando esta literatura incorporar a visão de mundo e a perspectiva do ser negro é que ela poderá dar, à criança negra, a possibilidade de tornar-se um interlocutor neste processo de comunicação” (Negrão, 1987, p.87).*

Não estamos falando de duas literaturas, mas sim da incorporação de outras perspectivas para alargar o público e não segregá-lo.

Rosemberg (1980), analisou 168 livros de literatura infanto-juvenil-brasileira, editados entre 1955-1975. Utilizou três unidades para a realização da análise: o personagem na ilustração, no texto e os comportamentos emitidos e recebidos (apud, Negrão, 1988).

Constatou que quando os personagens são humanos, aparecem na ilustração como sendo brancos, e entre os antropomorfizados, mais da metade aparecem nas ilustrações como sendo negros. Isso mostra que os personagens negros no texto são associados a animais e isso reflete nas

ilustrações. Os negros aparecem na maioria das vezes trabalhando em atividades domésticas, manuais e são representados como escravos. Enquanto que os brancos aparecem com mais frequência executando atividades que impliquem em exercício de poder. As mulheres negras aparecem nas ilustrações apenas executando tarefas profissionais, sempre de avental, lenço na cabeça, lábios avantajados, gordas e emitindo comportamentos positivos (porém recebendo comportamentos negativos).

Quanto à caracterização do personagem no texto, pode-se notar que normalmente a origem étnica dos brancos nos fatos históricos não é explicitada, como se fosse natural a omissão desse dado, pois essa explicitação só é necessária nos casos de desvio de padrões "normais". Os personagens pardos e brancos são denominados pelo nome próprio, enquanto os negros e índios pela sua cor-etnia. A autora conclui que, além de serem maioria, os personagens brancos são descritos com características mais bem desenvolvidas e valorizadas.

Em relação aos comportamentos emitidos e recebidos por personagens, os dados apontam que brancos, homens e adultos participam de um maior número de unidades comportamentais. Os brancos interagem entre si, e os negros e pardos frequentemente com os brancos e não com personagens de seu próprio grupo étnico. Brancos aparecem em situação de lazer diversificado, já os negros, seu único lazer parece ser a "arte" de contar histórias. Os negros emitem muitos elogios e recebem poucos. São os que recebem também o maior número de castigos e aparecem submissos aos brancos. Os negros e pardos expressam com maior frequência suas emoções, porém são mais negativas que positivas - como a agressividade por exemplo (apud Negrão, 1988).

Rosemberg (1985), registrou quatro tendências na literatura infanto-juvenil brasileira nas obras produzidas entre 1955 e 1975. Na primeira, onde a postura assumida na relação adulto-criança é didática e a criança é vista como um ser educado pela literatura, as histórias desenvolvem princípios morais. Na segunda, apesar de continuar essa visão didática de relacionamento, o adulto busca uma identificação com o leitor, voltando a própria infância e a relação educador-educando é atenuada. Na terceira, o didatismo desaparece e a

criança é convidada a participar do universo adulto. E na quarta tendência, o adulto tenta expressar no livro a perspectiva da criança (apud Negrão, 1988).

Segundo Negrão (1988), Pinto (1981) analisou que os livros publicados entre 1971 e 1975 tinham uma preocupação mais imediata de divertir do que informar e formar o leitor. Percebe também a dualidade entre desiguais-iguais. A autora utilizou a mesma metodologia de análise proposta por Rosenberg (1980), e concluiu também que os personagens negros são representados estereotipadamente nas poucas ilustrações que aparecem. Nos textos, quando o personagem é branco sua cor-etnia é omitida, como se o branco fosse o representante da espécie. Os negros exercem papel de coadjuvante, emitem suas emoções através do choro ou de comportamentos agressivos, e são mais vítimas de repressão, seja verbal ou física.

Abramovich (1995), analisou como os livros infantis retratam as personagens, como aparecem os estereótipos não somente nos textos, mas também nas ilustrações, afinal, *“preconceitos não se passam apenas através de palavras, mas também – e muito – através de imagens”* (p.40).

Entre as várias personagens que analisou, percebeu que os negros, sempre aparecem ocupando funções de serviçais (mordomos, operários) usando uniformes. Normalmente estão desempregados e são subalternos, tornando claro que são coadjuvantes nas histórias e conseqüentemente na vida. Se forem mulheres, são cozinheiras ou lavadeiras, gordas e bundudas. Tem ótimos corações e são amigas da família. A apresentação física é sempre deselegante e nunca das mais agradáveis aos nossos olhos.

Os textos definem quem é bom e quem é mau, quem é bonito e quem é feio, quem é rico e quem é pobre, quem dá ordens e quem é comandado, sempre relacionando o bom com bonito, rico e poderoso. Neste caso então, os negros nunca se encaixam nesse padrão perfeito, ficando com os “piores papéis” (de maus, ladrões, baderneiros...). É só olharmos para o lado para perceber que essa relação não é verdadeira, pois nem sempre o bonito é boa gente e o feio é mau-caráter (Abramovich, 1995).

Se, como afirma Rochael (1997),

*“a literatura é a base de toda uma estrutura de formação educacional ... e tem como objetivo não só um contato afetivo, o desenvolvimento da linguagem, da*

*lógica, da estética, mas principalmente a liberação da criatividade, da imaginação, da fantasia” (Paulino, 1997 p.117),*

os professores e pais precisam ter muito cuidado na seleção dos livros que irão fazer parte da vida de seus alunos/filhos. As crianças não são apenas consumidoras da cultura e dos valores passados pela literatura, mas são principalmente criadoras dos valores culturais, portanto todo cuidado é pouco. Pensar no que se quer formar, que tipo de preconceitos queremos eliminar, é selecionar de forma consciente e política os livros de literatura.

A literatura infantil é um agente de transmissão cultural. Como desde muito cedo, as crianças têm contato com os livros, elas acabam aprendendo numerosos valores, atitudes e estereótipos vinculados aos textos e as imagens. Essa literatura interfere no imaginário das crianças, transmitindo-lhes ideologias. Para que os livros possam ser usados como instrumentos que auxiliem na ampliação da percepção da criança, na formação de bons leitores é necessário que os professores promovam o hábito da leitura, porém selecionando e até discutindo com os alunos os possíveis estereótipos e preconceitos presentes nos livros trabalhados (Zilberman, 1985 apud Nogueira, 1992).

### **2.3 NA TELEVISÃO**

*“A televisão é o fenômeno social e cultural mais impressionante da história da humanidade” (Ferrés, 1998, p.13).* É o maior instrumento de socialização e comunicação que ocupa muitas horas na vida dos seres humanos. Até sua criação, nenhum outro meio de comunicação havia demonstrado esse poder fascinante de influenciar a emoção, o inconsciente e a atitude dos telespectadores.

Segundo Ferrés (1998), a experiência televisiva nos influencia de maneira subliminar, uma vez que nos passa informações através de estímulos não percebidos pelo consciente. Ou seja, essas informações podem ser mascaradas pelo emissor, podem ser indiretas... mas estarão sempre atingindo o receptor, mesmo que ele não perceba.

Os falsos mitos de liberdade humana, da racionalidade, da consciência e da percepção objetiva impedem os telespectadores de tomar consciência do extraordinário poder de influência da televisão em suas vidas e seus efeitos na sociedade (Ferrés, 1998).

Não se pode falar em liberdade, quando na verdade, a televisão exerce uma coação psicológica que incide sobre nossa vontade, modificando ou canalizando nossos sentimentos, emoções, desejos e temores. Ou seja, as informações transmitidas condicionam a vontade dos telespectadores para que ajam conforme o emissor deseja. Somos seduzidos através de mecanismos condicionantes, que agem na emoções, nos mobilizando para que nossos desejos sejam o que eles (emissores) desejam. De forma sutil, nos levam a agir como eles querem.

Com relação ao mito da racionalidade humana, o autor enfatiza que apesar dos seres humanos terem a convicção de que são inteiramente racionais, também agem através dos sentimentos, sensações e emoções. A televisão, segundo Ferrés (1998), não influi somente nas idéias, mas principalmente e sobretudo no lado emotivo. São muitas as pesquisas que demonstram que a via emocional condiciona a racional. As emoções pesam sobre as decisões dos seres humanos muito mais do que imaginamos. Muitas vezes, buscamos argumentos lógicos para justificar uma ação, porém a decisão já foi tomada anteriormente. Isso significa que temos a tendência de racionalizar todas as nossas ações para nos sentirmos mais seguros e conscientes. A televisão age diretamente nas emoções porque elas são mais fáceis de controlar e porque mantêm-se no âmbito do inconsciente. Os efeitos da televisão e sua influência, intencional ou não, racional ou não, exerce-se na esfera da emotividade, podendo condicionar a liberdade humana e sua racionalidade.

Os seres humanos vivem na ingênua convicção de que controlam conscientemente suas decisões e crenças. A consciência, segundo Ferrés (1998), é uma das mais sublimes capacidades humanas, porém, achar que somos sempre movidos por ela, consiste no mito da consciência. As pessoas, são movidas com maior freqüência, por estímulos ou impulsos inconscientes. A televisão age no inconsciente dos receptores, através de suas imagens e textos, nos levando a agir muitas vezes de maneira emotiva e compulsiva.

A percepção objetiva considera que o que alguém percebe é necessariamente autêntico, como se a informação fosse processada automaticamente pelo consciente. Isso é um mito, pois a percepção é forçosamente seleção e organização, ou seja, a maior parte do que percebemos fica armazenada no inconsciente e nunca se tornará consciente. As percepções humanas são condicionadas pelos padrões culturais e tendências pessoais (sentimentos, temores, desejos). *“As percepções humanas são, pois, menos objetivas, menos racionais e menos conscientes do que se pensa. Perceber é antes de tudo selecionar e interpretar”* (Ferrés, 1998, p.28).

As imagens televisivas estabelecem uma forte conexão com a emoção e com o inconsciente de forma a regular nossas crenças, comportamentos e valores implementando modelos de vida (Ferrés, 1998).

Xavier (1995) constata que a imagem do negro veiculada na televisão é negativa, estereotipada e racista. A televisão é um veículo que se estende desde as favelas até as casas mais luxuosas, portanto tem um poder e uma dinâmica de governância incontrolável, exercendo influências na formação da opinião dos sujeitos que recebem suas imagens desarmados.

Os negros são representados como não sendo capazes de mudar de classe social e como trabalhadores braçais (empregada doméstica, faxineiro). O recurso ideológico televisivo deforma a imagem do negro para legitimar a democracia racial ao feitiço dos comerciais e programas, onde a segmentação racial passa a representar lucros monetários e ideológicos. *“É como espelho de vampiro: o negro olha e não se vê”* (Xavier, 1995, p.72).

As imagens veiculadas dos negros mostram ou um conformismo pré-histórico, através da exaltação de sua honestidade, da empregada doméstica carinhosa e boazinha (“é como se fosse da família”) ou uma animalização, no sentido de serem os bêbados, os ladrões, cidadãos de segunda categoria. A linguagem visual carregada de estereótipos e preconceitos entra em nossas casas e nos transformam em seres humanos racistas, sem que isso seja demonstrado de forma clara e objetiva, mas sutilmente (Xavier, 1995).

A atual situação sócio-econômica brasileira do negro não deixa de ser um reflexo também da imobilidade que a televisão nos passa e da naturalidade como mostra os negros em favelas, ruas e prisões; ocorre uma legitimidade do

status social, político e econômico dos brancos e negros. A supremacia do branco é sempre destacada e incorporada por todos. Isso justifica a postura e atitudes da sociedade em relação aos negros – a marginalização, por exemplo (Xavier, 1995). Com disse Ferrés (1998):

*“No princípio, o estereótipo é aceito, então, porque responde a necessidades primárias, tanto cognitivas como emotivas. Mas, após assumido, contribui para criar ou reforçar idéias e valores, já que incide sobre os mapas mentais com os que depois se interpretará a realidade” (p.139).*

Segundo Almeida (1994), a televisão é a cultura do som e da imagem, produzida para as massas, sempre com objetivos bem definidos, fins a serem alcançados, hábitos a serem modificados ou conservados. O espectador passeia pelas imagens e sons ingênuo e desarmado, pois acredita que a televisão é um meio democrático.

Não podemos acreditar também que a televisão causa o mesmo efeito em todos os espectadores, pois os receptores não são todos iguais, cada um vive num meio social e isso faz com que recebam as imagens de forma diferente.

Segundo Ferrés (1998), a televisão continuará sendo um instrumento de alienação a partir do momento em que não mudar sua concepção de socialização e comunicação e não permitir que a racionalidade e a emoção interajam de maneira lúcida. Ela pode ser um instrumento libertador, mas para isso precisa ser uma experiência integradora e consciente, sem preconceitos e estereótipos.

### **3- OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVOS GERAIS**

As escolas utilizam diversos instrumentos para ensinar e transmitir os conhecimentos. O livro didático é o material principal utilizado pelos professores; porém, não é o único. Os professores utilizam os livros de literatura (infantil ou infanto-juvenil) como material de apoio. Utilizam também programas educativos de televisão para auxiliar em suas aulas.

Visando ampliar e aprofundar a discussão sobre como esses materiais de apoio influenciam na formação da identidade dos alunos negros e brancos, esta pesquisa investiga as imagens estereotipadas e preconceituosas veiculadas nas ilustrações e no texto do livro "O Saci" e as imagens e falas dos personagens do seriado "O Sítio do Picapau Amarelo" veiculado pela televisão (Rede Globo) entre os dias 16/09 e 27/09 deste ano.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Selecionar textos de Monteiro Lobato em que aparecem personagens negros.
- Selecionar trechos do seriado "Sítio do Picapau Amarelo" da televisão.
- Analisar as características dos personagens negros presentes no dois veículos: livro e televisão.

## 4- MÉTODO

### 4.1 AMOSTRA

Para atingir o foco desta pesquisa, selecionamos:

- Lobato, Monteiro (1993). **O Saci**. São Paulo: Brasiliense.
- Seriado da televisão "O Sítio do Picapau Amarelo" transmitido entre os dias 16/09/2002 e 27/09/2002.

Temos então um livro composto por 23 capítulos e 10 episódios do seriado.

### 4.2 MATERIAL

Para a realização da análise foi necessária a utilização do livro, televisão e vídeo cassete.

### 4.3 PROCEDIMENTOS

José Bento MONTEIRO LOBATO é uma das figuras mais importantes da vida literária. Criou o Sítio do Picapau Amarelo e seus célebres personagens, que encanta muitas crianças (e também adultos) com seus 17 volumes de livros infantis, traduzido no mundo todo. Ao todo são 23 obras infantis de Lobato.

Conhecendo os personagens do Sítio, encontramos três negros. Então, escolhemos a obra "O Saci" para analisar, onde o Saci aparece praticamente o livro todo, mantendo diálogo com Pedrinho. Os outros dois personagens, tio Barnabé e tia Natácia, também aparecem nesta obra. Por isso, a escolha...

Na verdade, O Sítio é composto por nove personagens permanentes:  
Masculino – Pedrinho, Visconde, Quindim, Conselheiro (Burro Falante) e Marquês de Rabicó.

Feminino – Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho e Emília.

Suas funções, segundo Penteado (1941), poderiam ter o seguinte aspecto:

Dona Benta	Chefe / Rainha / Monarca
Tia Nastácia	Provedora de alimentos e de apoio logístico doméstico
Pedrinho	De certa forma, o “homem da casa”
Narizinho	Ser feminino. No início da narrativa é a namorada/noiva
Emília	Herói ou heroína
Visconde	Adulto do gênero masculino: exerce funções de professor e sábio
Quindim	Guarda-costas / protetor
Conselheiro	Em alguns casos, age como primeiro-ministro – mas só quando é chamado
Marquês	Ser irresponsável e instintivo, criança (?), malandro às vezes, como Tia Nastácia, povo.

Fonte: Penteadó, J. R. W. (1941). *Os filhos de Lobato*. Rio de Janeiro: Dunya.

Os outros personagens, que perpassam a narrativa são:

Masculino – Saci, tio Barnabé, Coronel Teodorico e o Elias Turco.

Feminino – Cuca.

Esses personagens têm pouca participação na organização central da obra, sendo que dois deles são negros (Saci e tio Barnabé). Apenas a tia Nastácia faz parte dos personagens permanentes do Sítio.

Iremos analisar três dimensões da obra e do seriado: quem são os personagens, que funções eles ocupam e quais as características psicossociais.

## 5- ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 5.1 “O SACI”

“O Saci” - para crianças - segundo Penteado (1941), foi um subproduto do “Saci” adulto, que Lobato publicou depois de uma série de pesquisas sobre o personagem, que faz parte da mitologia brasileira.

O livro conta a história da captura do Saci por Pedrinho, tendo como auxílio, os conhecimentos do Tio Barnabé. Nesta obra, o Saci torna-se companheiro fiel de Pedrinho, mostrando-lhe os mistérios da floresta. Os coadjuvantes da floresta são os personagens do folclore nacional: Boitatá, Curupira, Mula-sem-Cabeça, Lobisomem, Negrinho do Pastoreio, Iara e Cuca.

Tia Nastácia aparece pouco na narrativa. No início, o narrador esclarece sua idade (66 anos) e profissão:

*“a melhor quituteira deste e de todos os mundos que existem” (p.7).*

*“a cozinheira e o faz-tudo da casa” (p. 8).*

Percebe-se então, que sua imagem está veiculada à de uma empregada doméstica, trabalhadora braçal. Podemos fazer até uma associação ao trabalho escravo, porém com uma diferença: ela é considerada por todos como se fosse da família. Isso é notado quando aos domingos, sai com as crianças para pegar peixes com a peneira:

*“Aos domingos tia Nastácia saía a mariscar de peneira.(...) A boa negra metia-se na água até a cintura e ia descendo o ribeirão, com eles a acompanhá-la da margem, aos gritos” (p.11).*

Quando os outros personagens aparecem no texto, não têm sua origem étnica citada. A concepção subjacente a esta postura é a de que, como consideram a raça branca o padrão, é necessário explicitar os casos de desvio dos padrões “normais” (“a boa negra”, “negro velho”, “negro sabido”, “preta”).

*“Pedrinho (...) consolou Dona Benta e a preta” (p.37).*

O narrador apresenta uma descrição estereotipada da aparência, um exagero na descrição dos traços de tia Nastácia:

*“...a negra rindo-se com toda a gengivada vermelha de fora” (p.11).*

Com o sumisso de Narizinho, Pedrinho retorna da Floresta com o Saci e encontra Dona Benta e tia Nastácia:

*“Na sala da jantar encontrou dona Benta sentada na sua cadeirinha, com a cabeça apoiada nas mãos. Ao lado dela, tia Nastácia escarrapachada no chão” (p. 36 - grifos meus).*

Ao ler esse trecho, percebe-se a grande diferença entre patrão e empregado... Dona Benta é o patrão que dá as ordens, que determina tudo e que tem conhecimento (adquirido pelos livros). Tia Nastácia é uma pobre empregada, que senta “escarrapachada no chão” e, como é da família, faz companhia para Dona Benta. A personagem branca senta na cadeira, a negra no chão.

Das dez ilustrações presentes na obra, tia Nastácia aparece em uma delas, acompanhada de Narizinho e Dona Benta (p.46). Enquanto Narizinho e Dona Benta se abraçam, Tia Nastácia encontra-se mais ao fundo com ar de contentamento e felicidade. Dona Benta veste-se elegantemente, com um vestido clássico, sapatos de salto, coque no cabelo e óculos, com traços leves e delicados. Já tia Nastácia aparece gorda, com um lenço na cabeça, brinco de argola grande, avental em cima do vestido longo, meias e chinelos nos pés, com traços estereotipados de boca e nariz, para realmente destacar a raça. As roupas e acessórios usados indicam a classe social e a origem dos personagens.

Essa ilustração revela vários estereótipos. Embora tia Nastácia esteja ilustrada com suas características profissionais, não está desempenhando sua atividade profissional. É como se a personagem fosse o tempo todo empregada, não possuindo características de um ser humano complexo. Sua expressão de emoção revela-se como cuidado, zelo, característica esta que compõe a imagem da doméstica (Negrão, 1988). O brinco de argola grande reforça o estereótipo do africano primitivo.

A mulher negra, nos textos de literatura e nos livros didáticos, aparece na maioria das vezes, executando tarefas profissionais manuais e em posições inferiores. Nos livros didáticos aparece como escrava e nos de literatura como empregada doméstica. Os textos e ilustrações reforçam uma imagem estigmatizada da mulher negra, caracterizando-a como pobre mas feliz! (Soligo, 2001).

Tio Barnabé é apresentado ao leitor como “*negro de mais de oitenta anos que morava no rancho coberto de sapé lá junto da ponte*” (p.13). Tia Nastácia o caracteriza como “negro sabido” que entende de feitiçarias, de Saci, de tudo. A casa dele é afastada, longe, enfatizando a desvantagem demográfica do negro.

Em nenhum momento ele é descrito fisicamente, porém na única ilustração em que aparece, assim como tia Nastácia, seus traços também são estereotipados: lábio e nariz avantajados, descalço, roupa remendada nos joelhos e calça curta. Aparece sentado à porta de sua casa, sorridente com um cachimbo na boca (p.13).

As roupas de tio Barnabé são ilustradas para reforçar a relação entre homem do campo e negro, ou seja, é como se o trabalho manual, escravo, agrícola, fosse um destino natural do negro.

Quando tio Barnabé fala com Pedrinho, não usa o Português corretamente, falando palavras como “exéste” e “véve”. Isso sugere que ele não tem o conhecimento científico, padrão, o considerado correto pela sociedade. É caracterizado por tia Nastácia como o contador de histórias, e realmente nas vezes em que aparece está sempre contando histórias de Saci, de como capturar sacis, e Pedrinho vai pedir informações a ele - afinal o Saci é um personagem do folclore, desvalorizado, e só cabe a um negro sem cultura erudita ter informações sobre ele.

Rosemberg (1980), analisando livros de literatura infanto-juvenil-brasileira, destaca que os negros aparecem sempre contando histórias, como se isso fosse a sua única atividade de lazer. Ferreira (2000), destaca que os livros didáticos sempre apresentam as culturas africanas como sendo folclóricas, primitivas e inferiores, desvalorizando assim, o papel do negro como construtor não só de cultura folclórica, mas também de civilização.

O Saci é o personagem negro que mais aparece na obra. É caracterizado como *“endiabrado moleque duma perna só”* (p.12) *“filho das trevas”* (p.17) e é o responsável por pequenas maldades e reações. Além de ser negro, é associado ao diabo, aos maus comportamentos, e possui uma imperfeição, uma deficiência (tem uma perna só). É o personagem central da obra, porém transmite uma imagem negativa e maligna. Como disse tio Barnabé:

*“O saci é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça (...) Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo”* (p.14).

Nota-se que a escravidão é citada de forma positiva, tanto que Pedrinho arma um plano para capturar um saci com o objetivo de escravizá-lo. Pedrinho só resolve soltar o Saci porque percebe que sem o seu auxílio, não conseguirá sair da floresta e voltar para o Sítio.

Durante os acontecimentos na floresta, Pedrinho e Saci discutem sobre a importância dos livros, da leitura e escrita. Enquanto o Saci fala que não precisa de livros para aprender, que ele adivinha as coisas e já nasce sabendo, Pedrinho afirma: *“Não há o que os homens não saibam. Vovó tem lá uma História Natural que conta tudo”* (p.24) e *“Quem não escreve obras não pode ensinar aos filhos o que sabe”* (p.25). Para Pedrinho, os livros são tão importantes que depois de tudo o que o Saci falou, ele iria perguntar a Dona Benta (figura culta do texto) se era assim mesmo ou não.

Pesquisas feitas por vários autores revelam que nos textos em que existem personagens brancos e negros, sempre o branco possui mais informações científicas que os negros. Neste livro, todos os personagens negros citados são considerados como os “sem cultura”, afinal, tio Barnabé é o contador de histórias, tia Nastácia a empregada doméstica e o saci um menino que só quer saber de fazer maldades, é um mito, um personagem do folclore brasileiro, que não é valorizado pelos “grandes” estudiosos e não valoriza o conhecimento científico.

Apenas a cultura do livros é valorizada e apresentada como a correta, inclusive em livros da História do Brasil. Neles, os negros aparecem apenas no período da escravidão, como se fossem coadjuvantes na construção da nossa história. Se até nos livros didáticos são considerados coadjuvantes, na literatura infantil não poderia ser diferente. Segundo Bernd (1984), a maioria dos negros encontram-se em situações subalternas devido à herança escravista que continua permeando as relações sociais e culturais. Esse preconceito aparece na obra de Monteiro Lobato através de seus personagens negros estigmatizados, estereotipados e subordinados.

Uma grande demonstração de preconceito cultural está embutida na fala do Saci:

*“As mitologias daqueles velhos povos estão cheias de terríveis criações de medo, não só dos índios aborígenes, como dos negros que vieram da África” (p.28).*

Os negros não vieram da África, mas foram trazidos forçosamente para o Brasil, como se fossem bichos a serem domados. A escravidão não pode ser vista como algo natural que aconteceu na História. Os livros didáticos passam uma imagem positiva da escravidão, afirmando que era uma prática viável economicamente para o momento. Esquecem de citar, por exemplo, que os negros trazidos à força da África, perderam suas famílias, seus costumes, suas crenças e foram obrigados a viver sem direito algum (Bernd, 1984).

Quando o Saci faz referência aos negros que vieram da África, Pedrinho lembra-se de tio Barnabé:

*“Tio Barnabé, por exemplo – disse ele – é um danado para saber essas coisas. Conhece todos os filhos do medo. Foi ele quem me explicou o caso dos sacis” (p.28).*

Na obra, tio Barnabé fala que já foi escravo, e isso não apresenta nenhuma relevância no desenrolar do texto. É como se esse “fato” não representasse importância alguma para sua vida. Pelo contrário, esse fato é visto por Pedrinho como algo positivo na vida de tio Barnabé, pois ele aprendeu muitas coisas, inclusive sobre sacis e outros mitos.

Nota-se também que os personagens negros interagem mais freqüentemente com os brancos do que entre si, e apresentam um certo preconceito quando falam ou descrevem outro negro.

*“Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu. O tio Barnabé” (tia Nastácia falando com Pedrinho - p.12).*

A ilustração da capa do livro é a única que apresenta cores; nela aparecem Pedrinho e o Saci. Pedrinho está com uma mão na cintura e a outra apontando, como se estivesse dando ordens ao Saci. Parece um menino mandão, imponente. O Saci está em pé num tronco, com o cachimbo aceso na mão, gorro vermelho na cabeça, boca e nariz estereotipados, orelhas pontudas, sorridente e com uma mão para cima.

Dentro do livro o Saci aparece em duas ilustrações sozinho, feliz e fumando seu cachimbo. Em outras duas aparece acompanhado de Pedrinho. E há uma ilustração com quatro sacis fazendo suas travessuras (assando ovinhos de beija-flor, tentando arrancar um caramujo de sua casa, em cima de um morcego e um sentado numa folha admirando o que os outros estão fazendo). Esta última ilustração enfatiza o lado negativo do Saci, que é o personagem negro que aparece mais nas ilustrações.

Os personagens negros do texto não têm família; tia Nastácia mora no Sítio com Dona Benta e Narizinho e “elas é que são sua família”, tio Barnabé mora sozinho em sua casinha perto da ponte e o Saci, apesar de citar que os mais pequeninos não saem da floresta, não cita se são seus irmãos ou de sua família.

Percebe-se então que os estereótipos com relação à imagem do negro estão presentes em todas as ilustrações do livro, em muitos de seus parágrafos e em todo o seu contexto, seja de forma explícita e implícita.

## 5.2 “SÍTIO DO PICAPAU AMARELO” – SERIADO DA TV

Ao assistir os capítulos selecionados do seriado, podemos notar que existem muitas diferenças entre eles e a verdadeira obra de Monteiro Lobato sobre o Sítio do Picapau Amarelo. O seriado é uma adaptação das obras de Lobato, ou seja, apenas baseou-se nelas para ser elaborado. Enfoca os interesses da modernidade, como por exemplo, o computador. Porém, o preconceito, os estereótipos em relação aos três personagens negros continuam...

Tia Nastácia é representada por uma mulher negra, gorda, com um lenço vermelho na cabeça, vestido longo e avental, e exerce a função de empregada doméstica da casa.

Logo no dia 16/09, no início do capítulo, aparecem as galinhas cantando e ela na cozinha amassando pão, ou seja, a negra acordou cedo, “junto com as galinhas”, para fazer o café da manhã dos personagens do Sítio. Na cena, tia Nastácia está cantarolando e diz:

“Vou aproveitar que está todo mundo dormindo e fazer um pãozinho bem gostoso” (16/09).

Isso revela o quanto de carinho e afeto ela tem pela família de Dona Benta. Sua imagem é veiculada como sendo a empregada boazinha, a pessoa dócil que cuida e zela por todos. Tia Nastácia é um personagem que mexe com o emocional do telespectador.

Segundo Ferrés (1998), as imagens televisivas têm uma forte relação com o emocional e o inconsciente, com o objetivo de regular nossas crenças, valores e comportamentos. Tia Nastácia nos transmite felicidade e contentamento; isso não acontece por acaso, mas sim para que possamos acreditar que as mulheres negras estão felizes com a posição social que ocupam e que é natural apenas servir e cuidar da família do outro.

Apresenta sempre uma boa disposição para cozinhar, limpar, lavar e arrumar.

"Eu vou fazer café para todo mundo (...) Você está com fome, minha filha? Quer forrar o estômago? Diz pra mim o que você quer comer que eu faço uma coisinha bem gostosa." (27/09)

"Nada melhor que um feijãozinho com lingüiça feitos no fogão a lenha e uma mandioquinha frita." (enquanto fala isso e cozinha, os outros estão sentados à mesa aguardando o almoço) (24/09)

Na maioria das cenas em que aparece ela está sempre de uniforme, cozinhando ou então servindo suco e comida com muita satisfação. É a empregada perfeita, que se preocupa com todos até no momento em que estava presa dentro de um livro:

"Quando eu estava presa lá dentro daquele livro, eu só tinha um pensamento: - O que será que a minha turma está comendo?"(25/09)

É a pessoa que serve a todos em todos os momentos, nunca está preocupada consigo mesma. Enquanto todos comem, ela aparece sempre ao lado da mesa, sorridente, e não participa do diálogo central. A família da Dona Benta está em primeiro lugar em sua vida. Numa cena em que já é noite e todos estão indo dormir a mando de Dona Benta, ela entra no quarto com uma bacia de pipocas, toda satisfeita e diz: "Depois, Dona Benta, depois, porque agora vai todo mundo comer pipoca" (25/09). O tempo todo é enfatizado que a vida dela é baseada em servir.

Todos os personagens principais do Sítio no seriado (Dona Benta, Narizinho e Pedrinho) possuem vida própria, trocam de roupas, dormem, mas tia Nastácia só aparece trabalhando, com vassoura na mão, cozinhando, sua função é apenas essa na história.

Nota-se que o personagem da tia Nastácia está associado ao papel social da mulher negra na sociedade, que é a de empregada doméstica, o faz tudo da casa, a coadjuvante dos livros de História do Brasil e de literatura infanto-juvenil (Rosemberg, 1980 e Soligo, 2001). Isso reforça as representações da mulher negro encontradas por Soligo (2001), expressas por sujeitos residentes em distintas regiões do Brasil (Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste).

Para que a personagem seja aceita, é considerada da família como a própria Dona Benta diz:

"Tia Nastácia é minha melhor amiga. Está há tantos anos aqui em casa, já faz parte da família" (16/09).

Normalmente, os personagens negros, para serem aceitos, são considerados da família pelos seus patrões (Nosella, 1978). Não possuem outra perspectiva de vida, a não ser a de agradar o patrão.

Podemos afirmar que tia Nastácia apresenta um conformismo pré-histórico, ou seja, sua imagem é veiculada à empregada doméstica carinhosa, boazinha e honesta, como se não lhe restasse outra alternativa na vida a não ser esta (Xavier, 1995).

Tio Barnabé é caracterizado por um negro de cabelos brancos, gordo, vestindo blusa branca com um colete colorido por cima, calça rosa e bengala na mão. Isso reforça o estereótipo do negro como sambista, diferente da obra, que caracteriza-o como homem do campo.

É um personagem que aparece muito pouco nos capítulos, sempre que está na cena, não fala nada e fica apenas observando o diálogo. Realmente é um coadjuvante da história. Em suas pequenas participações, mantém diálogo, na maioria das vezes, apenas com o Saci. O que difere da obra "O Saci", onde os personagens negros quase não conversam entre si.

No dia 18/09, há uma cena onde aparece tio Barnabé em sua casa. É uma casa com pouca iluminação, sombria, e o vento está soprando forte, fazendo um enorme barulho. Ele sai na porta e diz para o Saci que encontra-se sentado: "*Diacho, que noite mais feia. Deus me livre! Vento mais esquisito, hein saci?*" Sua casa revela a condição social em que vive, e por ser afastada, destaca a desvantagem geográfica do negro atualmente.

Xavier (1995), destaca que a imobilidade sócio-econômica do negro, transmitida pela televisão, faz com que os seres humanos naturalizem e legitimem a atual situação, justificando assim a postura e atitudes da sociedade em relação aos negros. Acreditando que a televisão é um meio democrático, acabamos não percebendo os estereótipos e preconceitos sutilmente veiculados por ela.

Numa cena onde Peninha fica preso com uma corda (17/09), tio Barnabé é quem solta o nó da corda e diz: *“Nó cego, conheço até nó de marinhoiro.”* Isso revela que o negro possui uma cultura, mas não aquela valorizada, e sim a cultura popular.

Nos capítulos selecionados, o primeiro personagem aprisionado dentro do livro foi o Visconde, seguido de tia Nastácia, tio Barnabé, Pedrinho, Dona Benta e o coronel. Quando Peninha abre o livro, todos saltam para fora. Tia Nastácia e tio Barnabé ficam ao fundo e se abraçam; depois tia Nastácia é abraçada por Narizinho e Peninha. Tio Barnabé não é abraçado por mais nenhum personagem.

Tio Barnabé aparece em uma cena rapidamente arrumando o portão do sítio, tia Nastácia passa por ele, vai até o galinheiro para pegar ovos. Enquanto isso, os outros personagens estão dentro da casa de Dona Benta despedindo-se de Peninha. Isso nos mostra a divisão clara entre patrão e empregado e a condição do negro nesta divisão.

O personagem Saci aparece com um macacão e gorro vermelhos, cachimbo na mão ou na orelha. Utiliza a mesma roupa em todos os capítulos. No livro, o saci é considerado endiabrado, representa o mal, mas é o personagem central. Já nos capítulos analisados do seriado, ele aparece como coadjuvante, na condição de servo, de ajudante do bem. Aparece muitas vezes conversando com a Cuca.

(Cuca ameaça comer os ovinhos de beija-flor) *“Nem pensar, eu sou o Saci e devo proteger a mata”* (aparecem outros sacis) *Meus irmãos sacis vieram me ajudar. A gente protege a mata Cuca. Eu não vou deixar você magoar a família beija-flor”* (20/09).

(Cuca pede para Saci ajudá-la a fazer maldade das grandes) *“Não conta comigo, tá? Eu vou cuidar das criaturas da floresta porque é minha obrigação. Adeus Cuca”* (24/09).

*“Estou preocupado com o barulho. Como os animais vão dormir?”* – está tendo uma festa, uma reunião das bruxas e Cuca não foi convidada. Ele tenta convencê-la a mudar e ser boa (26/09).

O Saci, além de proteger a natureza, os animais, agora também quer convencer a Cuca que ela pode ser boa e ajudar ao invés de fazer maldades, o

que difere do livro, onde aparece uma ilustração onde os sacis estão cozinhando os ovos de beija-flor. O Saci foi aculturado pelo branco, e por isso passou a ser bom!

Há uma cena onde o bruxo transforma-se numa cobra e o Saci fala:

“Deixa gente, de cobra ruim eu entendo. Sucuri de pinta roxa, de você eu não tenho medo, hein? Eu sou mesmo um grande Saci e é melhor você sumir” (tira a carapuça e joga em cima da cobra que volta a ser bruxo novamente) (23/09)

A carapuça do Saci continua tendo poderes, porém ele a usa para fazer o bem, ajudar os amigos do Sítio (como nesta cena), ou então para ajudar os animais da floresta que, no seriado, são seus amigos.

O bruxo prende o Saci dentro da garrafa, como Pedrinho fez no livro e diz:

“Eu estudei muito folclore brasileiro. Sei tudo sobre você Saci, tudo” (23/09).

Esta cena é muito parecida com a obra escrita de Monteiro Lobato, porém no livro, Pedrinho quer escravizar o Saci, e no seriado, o bruxo quer mantê-lo longe, para que ele não atrapalhe seus planos de se casar com Narizinho.

No seriado, o Saci também é deficiente (tem uma perna só), locomove-se pulando, porém na maioria das vezes que aparece, está parado e conversando com Cuca ou tio Barnabé.

Embora na televisão o Saci não seja representado como imagem do mal, continua sendo indicada sua condição de inferioridade; não é como os brancos, os “civilizados”, que o Saci vive. Ele mantém suas mais estreitas relações, mas com os animais e os representantes do “mal” (Cuca, bruxas).

Em geral, podemos perceber que a televisão é realmente uma cultura da imagem e do som, produzida com objetivos, fins a serem alcançados e que utiliza de recursos ideológicos para a manutenção de preconceitos e estereótipos com relação ao negro. As informações veiculadas são mascaradas pelo emissor, porém ficam armazenadas no nosso inconsciente de maneira a conduzir nossas vontades, da forma como os emissores querem (Ferrés, 1998).

## CONCLUSÕES

Quando falamos em educação, estamos falando não somente de objetivos e conteúdos, como também de inúmeras questões relativas à gênero, etnia, religião ou opção sexual.

A cada ano, várias pesquisas são realizadas, sobre diversos assuntos na área educacional. As discussões sobre a questão étnica estão se ampliando.

Com a preocupação de contribuir com essa questão, o presente trabalho buscou pesquisar como os textos e ilustrações do livro "O Saci" e as imagens e diálogos de dez capítulos do seriado "Sítio do Picapau Amarelo" estão veiculando a imagem do negro e como isso influencia nas atitudes dos seres humanos.

A partir do que foi analisado, pudemos perceber que a forma como o indivíduo negro é apresentado na literatura infantil e na televisão, como submisso, inferior, feio, trabalhador braçal, mau, acaba por legitimar e manter a sua posição na sociedade.

A escola, através de livros didáticos e infanto-juvenis, contribui para a manutenção da auto-imagem negativa. A figura do negro ainda é vista de maneira folclorizada, estereotipada, associada à escravidão e sua história africana é omitida.

A televisão veicula imagens preconceituosas dos negros, destacando a supremacia do branco, justificando a atual situação dos negros no Brasil.

Analisamos três personagens negros: tia Nastácia, tio Barnabé e o Saci. Tanto tia Nastácia quanto tio Barnabé, na obra e no seriado, foram representados da mesma maneira estereotipada e preconceituosa: gordos, nariz e boca com formas exageradas, roupas características de trabalhadores braçais, serviçais, sem família, contadores de história, sem cultura erudita, coadjuvantes, ou seja, vários aspectos considerados negativos em nossa sociedade foram associados a esses dois personagens.

O Saci assume papéis diferentes no livro e no seriado. Apesar das características físicas e a aparência serem as mesmas (pouca roupa, gorro vermelho na cabeça, cachimbo, deficiente físico), no livro ele representa o mal,

o filho das trevas, o endiabrado e é o personagem central; na televisão, representa o amigo da natureza, o bonzinho, o protetor dos animais e é um personagem coadjuvante, assim como tia Nastácia e tio Barnabé.

Os estereótipos e preconceitos são atribuídos aos negros de forma sutil, porém essas imagens negativas são armazenadas pelo inconsciente e acabamos sendo racistas como se isso fosse algo natural. Ao naturalizarmos a posição do negro na sociedade, fazemos com que eles sintam-se inferiores, incapazes e conformados com a situação em que vivem.

Com base nestes aspectos que foram pesquisados, é possível concluir que os processos de discriminação dentro da sociedade, a legitimação e a perpetuação de estereótipos, são práticas reproduzidas pelos livros de literatura infantil e pela televisão, para que o racismo seja naturalizado e a chamada democracia racial brasileira continue no imaginário e no discurso da população.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovich, F. (1995). **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione.
- Almeida, M. J. (1994). **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. (1995). Imagem do Negro nos Livros Didáticos. **Idéias** (27): 31-36.
- Aquino, J. G. (org) (1998). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus.
- Bernd, Zilá (1984). **A questão da negritude**. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1987). **Negritude e Literatura na América Latina**. Série Novas Perspectivas 24. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Beozzo, J. O. (1984). **Situação do negro na sociedade brasileira**. Petrópolis: Vozes.
- Dias, Ricardo (1987). Osasco: Debate e denúncia sobre o racismo. **Cadernos de Pesquisa** (63): 130-131.
- Ferreira, Ricardo F. (2000). **Afro-descendente: Identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas.
- Ferrés, Joan (1998). **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artmed.
- Hasenbalg, C. & Silva, N. V. (1988). **Estrutura Social, Mobilidade e Raça**. Rio de Janeiro: IUPERJ.
- \_\_\_\_\_. (1990). Raça e oportunidades educacionais no Brasil. **Cadernos de Pesquisa** (73): 5-12.
- Kantor, Iris (1995). O Tráfico Negreiro no Manuais Escolares. **Idéias** (27): 15-18.
- Leite, Ilka B. (1988). **Os Sentidos da Cor e as Impurezas do Nome – Os termos atribuídos à população de origem africana**. Caderno de Ciências Sociais nº2 vol. 8. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Lobato, Monteiro (1993). **O Saci**. São Paulo: Brasiliense.

- Moura, Clóvis (1988). **Sociologia do negro brasileiro**. Série Fundamentos. São Paulo: Ática.
- Negrão, E. V. (1987). Discriminação racial em livros didáticos e infanto-juvenis. **Cadernos de Pesquisa** (63): 86-87.
- \_\_\_\_\_. (1988). Preconceitos e discriminações raciais em livros didáticos e infanto-juvenis. **Caderno de Pesquisa** (65): 52-65.
- Nosella, M. L. C. D. (1978). **As belas bентiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos**. São Paulo: Moraes.
- Paulino, G. (org) (1997). **O jogo do livro infantil**. Belo Horizonte: Dimensão.
- Penteado, J. R. W. (1997). **Os filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Dunya.
- Pinsky, Jaime (1988). **A escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto.
- Pinto, R. P. (1987). A representação do negro em livros didáticos de leitura. **Cadernos de Pesquisa** (63): 88-92.
- \_\_\_\_\_. (1992). Raça e educação : uma articulação incipiente. **Cadernos de Pesquisa** (80): 41-50.
- \_\_\_\_\_. (1995). Diferenças Raciais e Educação: Problemas e Perspectivas. **Idéias** (27): 19-23.
- Rosemberg, F. (1991). Raça e educação inicial. **Cadernos de Pesquisa** (77): 25- 34.
- Silva, I. P. (s/data). A resistência negra no mundo dos senhores de escravos. p.10-11.
- Soligo, Ângela F. (2001). **O Preconceito racial no Brasil: Análise a partir de adjetivos e contextos**. Dissertação (Doutorado). Instituto de Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Xavier, A (1995). Comunicação e Educação. **Idéias** (27): 69-74.

## ANEXO

### Resumo dos capítulos do Seriado “Sítio do Picapau Amarelo”

Dia 16/09/2002

Tia Nastácia amassa pão na cozinha cantarolando. Usa lenço vermelho na cabeça, avental. As galinhas cantam. *“Vou aproveitar que está todo mundo dormindo e fazer um pãozinho bem gostoso.”*- fala tia Nastácia.

Ela sai da casa e encontra com tio Barnabé (blusa branca, colete colorido, calça rosa, bengala, cabelos brancos) que fala: *“Acordou cedo Nastácia, hein.”* Ela responde: *“É Barnabé, acordei com uma disposição que só vendo, mas eu já vou entrando que deixei um pãozinho assando no forno e já deve estar no ponto.”*

Aparece um bruxo que coloca tia Nastácia dentro de um livro . Quando Dona Benta vai procurá-la, encontra a assadeira em cima de mesa com um pão já mordido. Estranhando a situação fala aos seus netos: *“Mas não é costume da Nastácia comer antes da gente. Ela gosta de ver a gente experimentar para ver se está bom.”*

Pedrinho aparece e diz: *“Olha só o que eu encontrei na biblioteca”*. Dona Benta olha e responde: *“Meu Deus, a vassoura da Nastácia. Tem algo muito estranho acontecendo aqui. Não tem leite quente e ainda por cima a vassoura jogada no chão.”*

Dona Benta fala para tio Barnabé: *“Nastácia é minha melhor amiga, está há tantos anos aqui em casa, já faz parte da família.”*

Dia 17/09/2002

Peninha (amigo da família, que estuda para ser mágico) encontra o bruxo e tenta prendê-lo com uma corda, mas é ele quem acaba preso. O bruxo desaparece e Peninha fica pedindo socorro. Tio Barnabé aparece, solta o nó da corda e fala: *“Nó cego eu entendo, conheço até nó de marinheiro.”*

Saci aparece na caverna da Cuca. Ela está fazendo feitiçarias em seu caldeirão e ele fala que ela poderia ser boa.

Dia 18/09/2002

Peninha chama todos os moradores do Sítio para conversarem fora da casa. Tio Barnabé é o último a sair da casa. Peninha fala que tem um plano para pegar o bruxo, mas precisa da ajuda de Narizinho. Enquanto a cena acontece, tio Barnabé fica ao fundo e não fala nada.

Escurece e aparece a casa do tio Barnabé (aparentemente afastada, sem iluminação); ele sai na porta e diz para o Saci: *“Diacho, que noite mais feia. Deus me livre. Vento mais esquisito, hein Saci?”* O Saci está sentado no chão e responde: *“Tá na hora, tá na hora. A gente via pegar esse bruxo!”*

Dia 19/09/2002

Tio Barnabé, aflito com o plano de Peninha, entra na casa antes de Narizinho e também é colocado dentro do livro pelo bruxo. Saci fala que o tio Barnabé sumiu e todos ficam com medo, achando que não vão conseguir impedir o bruxo de pegar todos os habitantes do Sítio.

Saci fala com a Cuca sobre os poderes do bruxo e ela fala que gostaria de conhecê-lo, afinal ele é tão malvado quanto ela. Saci novamente reforça que a Cuca poderia ser boa.

Dia 20/09/2002

Cuca está na floresta e quer que o beija-flor leve uma carta até a Rainha das bruxas. O beija-flor fala que está cansado e que precisa chocar seus ovos. Cuca então ameaça comer os ovinhos do beija-flor. Aparece o Saci: *“Nem pensar, nem pensar. Eu sou o saci e deve proteger a mata.”* Aparecem outros sacis: *“Meus irmãos sacis vieram me ajudar; a gente protege a mata Cuca. Eu não vou deixar você magoar a família beija-flor”.*

Cuca vai embora e o beija-flor lhe entrega uma carta mágica dizendo que só pode ser aberta por Peninha. Saci o procura, saindo em rodado.

Dia 23/09/2002

Dona Benta desapareceu e todos acham que foi o bruxo. Porém, não sabem onde ele está levando os personagens. Narizinho, Emília e Peninha abrem a carta e não entendem o que ela significa. (*"Faça o poder se refletir sobre ele mesmo"*). Enquanto tentam adivinhar o que a carta significa, Emília fala: *"E você Saci, que vive dizendo que sua carapuça é poderosa, não pode nos ajudar?"* Ele responde: *"Só entendo da magia da floresta"*.

Nisso, aparece o bruxo e se transforma numa cobra em cima do sofá. Saci fala: *"Deixa gente. De cobra ruim eu entendo. Sucuri de pinta roxa de você eu não tenho medo. Eu sou mesmo um grande Saci e é melhor você sumir"*. Atira a carapuça sobre a cobra que volta a ser o bruxo novamente. O bruxo fica irritado com o Saci e fala: *"Eu estudei muito folclore brasileiro. Sei tudo sobre você Saci, tudo."* Pega um peneira e prende o Saci dentro de uma garrafa.

Emília desafia o bruxo, ele começa a jogar raios sobre ela. Emília lembra dos dizeres da carta, pega um espelho e faz o raio do bruxo voltar contra ele mesmo, que acaba desaparecendo.

Dia 24/09/2002

Emília solta o Saci da garrafa. Peninha fala que descobriu onde os amigos estão presos. Os três vão até a biblioteca. Peninha abre o livro que está em cima da mesa e todos os personagens saltam para fora. Enquanto todos se abraçam, tia Nastácia e tio Barnabé encontram-se ao fundo e quase não aparecem na cena.

Primeiro eles se abraçam, depois tia Nastácia é abraçada por Narizinho e tio Barnabé não é abraçado por mais ninguém.

Tia Nastácia aparece na cozinha, ao fogão, enquanto os outros estão à mesa. *"Nada melhor que um feijãozinho com lingüiça feito no fogão à lenha e uma mandioquinha frita"*- diz ela.

Tia Nastácia serve a todos com muita satisfação.

O Saci aparece na caverna da Cuca e fala: *"Para que ser pavorosa, para que ser monstra?"* Cuca pede ajuda para fazer uma maldade das grandes e

ele responde: *“Não conta comigo, tá? Eu vou cuidar das criaturas da floresta porque é minha obrigação. Adeus Cuca.”* Vai embora em rodadoiro.

Dia 25/09/2002

Tia Nastácia serve a todos na mesa, Pedrinho elogia a comida e ela fala: *“Mas quando eu estava presa lá dentro daquele livro, só tinha um pensamento: o que será que a minha está comendo?”* Todos comem e ela fica parada ao lado da mesa, só observando contente.

Depois que comem, Dona Benta fala que é hora de dormir. Tia Nastácia entra no quarto onde está Narizinho, Emília e Pedrinho e fala: *“Depois, Dona Benta, depois, porque agora todo mundo vai comer pipoca”.*

No dia seguinte... Tio Barnabé aparece arrumando o portão de entrada do Sítio. Tia Nastácia vai buscar ovos no galinheiro enquanto todos se despedem de Peninha dentro da casa. Ela volta e fala: *“mas você não vai sair daqui sem levar um lanche. Fiz dois sanduíches e botei um pedacinho de bolo que fiz ainda pela manhã pra você”.*

Todos se abraçam e ela fica olhando com satisfação.

Dia 26/09/2002

Quando Peninha está saindo, lembra-se de sua varinha e Narizinho fala que deve estar com Emília. Emília vem até a sala e fala que não quer devolver a varinha para Peninha. Ela aponta a varinha para Pedrinho e o transforma, sem querer, num sapo.

Todos ficam assustados e ela fala que pode desfazer o feitiço. Tia Nastácia acha melhor deixar como está, pois vai que ela o transforma em coisa pior...

Todos aparecem no quarto. Tia Nastácia entra com uma bacia com água e coloca o sapo-Pedrinho dentro. Dona Benta pede: *“Nastácia, você podia arrumar alguma coisa para ele comer?”* “E sapo come o quê, Dona Benta?”- pergunta Nastácia. “Sapo come moscas...” – responde Dona Benta. Narizinho olha para Emília e diz que é ela quem tem que procurar moscas, afinal, é por causa dela que o Pedrinho virou sapo.

Emília aparece caçando moscas e todos ficam olhando. Aparece então o Saci; eles contam que Pedrinho virou sapo e o Saci tem a idéia de mandar uma carta uma princesa vir beijá-lo para desfazer o feitiço.

Peninha escreve a carta e o Saci pede para o beija-flor levar até a Branca de Neve.

Saci aparece conversando com a Cuca. Está tendo uma festa das bruxas e Cuca não foi convidada. O barulho é muito alto. Ele fala: *"Estou preocupado com o barulho. Como os animais vão dormir?"*

Dia 27/09/2002

Branca de Neve chega ao Sítio. Peninha explica a situação e ela fala que só pode beijar o sapo se o marido dela autorizar. Resolvem mandar uma carta ao príncipe, pedindo autorização. Saci pede para o beija-flor levar. Cuca pega a carta do beija-flor e arma um plano.

Cuca prende a verdadeira Branca de Neve e se faz passar por ela porque quer comer o Pedrinho/Sapo.

Dona Benta está triste e tia Nastácia fala: *"Tem que ter esperança, Dona Benta. Eu vou fazer café para todo mundo"*. Olha para a falsa Branca de Neve e fala: *"Você está com fome, minha filha?! Quer forrar o estômago? Diz pra mim o que que você quer comer que eu faço uma coisinha bem gostosa..."*

Escurece. O Saci vai até a casa do Tio Barnabé e fala: *"Tio Barnabé, você não achou essa Branca de Neve muito esquisita, não? Ela não diz coisa com coisa..."* Tio Banabé responde: *"Nem se fala, Saci, nem se fala!"*

